

Relevância da Leitura na Educação Infantil

Gleiciane de Jesus Santos Buss

Fabio Coelho Pinto

Resumo: Este estudo aborda os obstáculos e a importância da leitura na educação infantil, evidenciando as dificuldades enfrentadas pelos educadores ao trabalharem com essa prática nas salas de aula. Essas barreiras devem ser superadas devido ao papel essencial da leitura no desenvolvimento da imaginação e criatividade dos alunos, fundamentais para o processo de aprendizagem desde os primeiros anos escolares. A pesquisa busca responder à pergunta central: quais são os principais desafios encontrados pelos professores ao ensinar leitura na educação infantil? Além disso, explora as potencialidades da leitura como um meio de estimular a imaginação e a criatividade como fontes de aprendizado. Com o objetivo de refletir sobre a importância do hábito de leitura e o papel do professor nesse contexto, o trabalho adota uma abordagem qualitativa e exploratória, com uma metodologia baseada em pesquisa bibliográfica. Os resultados ressaltam a relevância da leitura desde a educação infantil e seu impacto no desenvolvimento do conhecimento dos alunos.

Palavras-chave: Leitura. Educação Infantil. Relevância da Leitura. Desafios da Leitura.



Recebido em: outubro. 2025. Aceito em: janeiro. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2026.851

Mosaicos Contemporâneos: Ciência Aplicada ao Cotidiano

Fevereiro, 2026, v. 3, n. 35

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Relevance of Reading in Early Childhood Education

Abstract: This study addresses the obstacles and the importance of reading in early childhood education, highlighting the difficulties faced by educators when working with this practice in classrooms. These barriers must be overcome due to the essential role of reading in the development of students' imagination and creativity, fundamental for the learning process from the early school years. The research seeks to answer the central question: what are the main challenges faced by teachers when teaching reading in early childhood education? In addition, it explores the potential of reading as a means of stimulating imagination and creativity as sources of learning. In order to reflect on the importance of the reading habit and the role of the teacher in this context, the work adopts a qualitative and exploratory approach, with a methodology based on bibliographic research. The results highlight the relevance of reading since early childhood education and its impact on the development of students' knowledge.

Keywords: Reading. Early Childhood Education. Relevance of Reading. Challenges of Reading.

Relevancia de la lectura en la educación infantil

Resumen: Este estudio aborda los obstáculos y la importancia de la lectura en la educación infantil, destacando las dificultades que enfrentan los educadores al trabajar con esta práctica en las aulas. Estas barreras deben superarse debido al papel esencial de la lectura en el desarrollo de la imaginación y creatividad de los estudiantes, fundamental para el proceso de aprendizaje desde los primeros años escolares. La investigación busca responder a la pregunta central: ¿cuáles son los principales desafíos que enfrentan los profesores al enseñar la lectura en la educación infantil? Además, explora el potencial de la lectura como medio para estimular la imaginación y la creatividad como fuentes de aprendizaje. Para reflexionar sobre la importancia del hábito lector y el papel del profesor en este contexto, la obra adopta un enfoque cualitativo y exploratorio, con una metodología basada en la investigación bibliográfica. Los resultados ponen de relieve la relevancia de la lectura desde la educación infantil y su impacto en el desarrollo del conocimiento de los estudiantes.

Palabras clave: Lectura. Educación Infantil. Relevancia de la Lectura. Desafíos de la Lectura.

INTRODUÇÃO

O tema permite compreender a importância de reconhecer a leitura como um instrumento essencial para formar indivíduos capazes de pensar de forma crítica e agir com autonomia na sociedade. Assim, a prática da leitura contribui para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e de habilidades fundamentais, como a comunicação oral e escrita, a fluência, a ampliação do vocabulário, o raciocínio lógico e a ativação de conhecimentos prévios — competências que precisam ser estimuladas desde os primeiros anos escolares.

Neste estudo, o foco foi compreender a relevância de práticas pedagógicas que promovam a leitura de forma eficaz, com atenção à necessidade de fornecer apoio aos professores no uso de estratégias diversificadas para incentivar a leitura. Dessa forma, busca-se criar condições que permitam aos alunos desenvolverem suas competências literárias e ampliarem sua percepção do mundo.

Para subsidiar teoricamente este trabalho, citamos Vygotsky (1998), que defendeu a ideia que o educador poderá fazer o uso de jogos, brincadeiras, histórias e outros mecanismos para que através do lúdico a criança possa se sentir desafiada a pensar e a resolver situações-problemas, e, se assim for, as regras aplicadas nas brincadeiras podem imitar as regras utilizadas no mundo social dos adultos.

Piaget (1970), defende que a criança passa por estágios de compreensão. No início, ela pode "ler" um desenho ou "escrever" com rabiscos (garatujas). O lúdico permite que a criança teste hipóteses sem o medo de errar, transformando o erro em uma ferramenta de aprendizado e não em um fracasso, entre outros, que trouxeram contribuições valiosas ao tema. Sob essa perspectiva, a leitura é vista como uma habilidade indispensável, pois promove o desenvolvimento de novas competências e estimula a criatividade, o senso crítico e a reflexão.

Por isso, é fundamental que os professores, enquanto mediadores da formação de futuros leitores, estejam dispostos a adotar novas abordagens e abandonar métodos tradicionalistas que já não atendem às demandas atuais.

Trabalhar com a leitura no ambiente escolar tem sido uma tarefa desafiadora, pois muitos alunos demonstram resistência às atividades propostas

para o desenvolvimento dessa habilidade. Essa dificuldade pode estar relacionada à falta de estímulo tanto da família quanto da escola para integrar a leitura à rotina das crianças desde a primeira infância. Isso reflete, muitas vezes, a ausência de ações sistemáticas por parte dos professores para fomentar o gosto pela leitura na Educação Infantil.

A partir disso, o artigo levanta a seguinte questão: quais são os principais desafios enfrentados pelos professores na promoção da leitura na Educação Infantil?

O objetivo geral deste estudo é analisar os desafios envolvidos no trabalho com a leitura na Educação Infantil. Além disso, busca-se refletir sobre a importância de criar hábitos de leitura desde cedo, investigar o uso de atividades lúdicas como ferramenta de incentivo e compreender o papel do professor como promotor do interesse pela leitura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lima (2025, p.3) cita que, “a Leitura e Escrita na Educação Infantil são pilares essenciais no desenvolvimento das crianças e, portanto, merecem uma reflexão profunda e fundamentada teoricamente. O processo de alfabetização infantil, ao contrário da concepção tradicional de que é apenas uma questão de decodificação de palavras, envolve uma ampla gama de habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

De acordo com a pesquisadora, “na infância, a leitura e a escrita vão além da capacidade de decodificar palavras. A leitura envolve a habilidade de compreender, interpretar e atribuir significados a textos, que podem ser tanto orais quanto escritos. A escrita, por sua vez, não se limita à simples transcrição de palavras, mas abrange a capacidade de se expressar e organizar ideias de forma que o outro possa entender.”

Na Educação Infantil, Lima (2025, p 5) ressalta que, “a leitura e a escrita são tratadas como atividades imersivas e construtivas, sendo um meio para que a criança se aproprie do mundo e compreenda sua própria história. A interação

com livros e histórias desenvolve a percepção linguística e fortalece a relação da criança com o universo das palavras e dos significados.”

E reforça que, ‘o desenvolvimento cognitivo da criança está diretamente ligado à sua interação com a linguagem, sendo que a leitura e a escrita têm um papel crucial neste processo.”

A autora relata que, “quando as crianças são expostas a uma rica variedade de textos e experiências literárias, elas desenvolvem habilidades de raciocínio lógico, memória e concentração, ao mesmo tempo em que ampliam seu vocabulário e capacidade de comunicação. Além disso, o ato de ler e escrever contribui para a formação do pensamento crítico e da capacidade de resolver problemas.”

Ela salienta que, “no campo emocional, a leitura tem o poder de estimular a imaginação e a empatia, pois as crianças, ao se engajarem com as histórias, têm a oportunidade de se colocar no lugar dos personagens, explorando emoções, conflitos e resoluções.”

As histórias proporcionam momentos de identificação e reflexão, sendo uma ferramenta potente para o desenvolvimento afetivo da criança, pontua Lima (2025, p.8). A escrita também promove um espaço de expressão pessoal, onde as crianças podem externalizar seus sentimentos e vivências, o que favorece o autoconhecimento e a autoestima.

Diversas abordagens teóricas fundamentam o ensino da leitura e escrita na Educação Infantil, sendo que algumas das mais influentes são as de Piaget e Vygotsky. Ambas as teorias oferecem perspectivas valiosas sobre o processo de aquisição de habilidades linguísticas discorre Lima (2025, p.10).

E faz um breve resumo dos grandes nomes de autores consagrados nesse tema de grande relevância e atual com a nossa realidade.

“Jean Piaget: em sua teoria do desenvolvimento cognitivo, destaca que a leitura e a escrita são processos que se inserem em estágios específicos do desenvolvimento da criança. Para Piaget, as crianças pequenas não possuem as mesmas capacidades cognitivas das crianças mais velhas ou dos adultos, o que implica que sua abordagem à linguagem e ao conhecimento seja mais concreta.

Segundo ele, as crianças começam a compreender o conceito de escrita de forma gradual, por meio da manipulação de objetos e símbolos que, mais tarde, darão lugar à compreensão do alfabeto e das palavras. No estágio sensório-motor, por exemplo, as crianças estão mais focadas na exploração do mundo físico, e não necessariamente em símbolos abstratos como letras e palavras.”

“Lev Vygotsky: por outro lado, enfatiza a importância da interação social no processo de aprendizagem. Em sua teoria sociocultural, ele defende que a linguagem é um dos principais meios de desenvolvimento cognitivo, sendo mediada pelo ambiente social.

Para Vygotsky, o processo de leitura e escrita se dá de forma conjunta e colaborativa, sendo essencial o papel do educador na mediação do conhecimento. Ele introduziu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que descreve a distância entre o que a criança pode fazer sozinha e o que pode fazer com o auxílio de um adulto ou de pares mais experientes.

A leitura e a escrita, segundo Vygotsky, devem ser ensinadas por meio de interações significativas e no contexto de práticas culturais reais, o que torna o aprendizado mais relevante e significativo. ”

Um ambiente alfabetizador é aquele que estimula o contato das crianças com a linguagem escrita de maneira contínua e diversificada. Esse ambiente deve ser rico em estímulos, como livros, imagens, rótulos, sinais e outras formas de escrita que fazem parte do cotidiano das crianças.

A presença de materiais literários acessíveis e o incentivo a práticas que envolvem a leitura e a escrita, como contação de histórias, debates, exploração de livros e produção escrita, são fundamentais para que as crianças se sintam motivadas e curiosas em relação ao mundo da linguagem escrita.

O papel do educador nesse processo é crucial. O professor não é apenas um transmissor de conteúdo, mas um mediador que proporciona experiências significativas de leitura e escrita.

O educador deve criar oportunidades para que as crianças explorem o universo dos textos e da escrita, oferecendo apoio, encorajamento e recursos adequados ao desenvolvimento de cada uma delas.

Além disso, o educador precisa compreender que a alfabetização infantil é um processo gradual e que cada criança tem um ritmo de aprendizagem próprio, sendo necessário respeitar esse ritmo enquanto se oferece desafios adequados às suas capacidades.

Um ambiente alfabetizador é aquele que oferece à criança um espaço de exploração contínua da linguagem escrita, no qual ela se sente acolhida e motivada a interagir com o mundo das palavras, tendo sempre o educador como um guia que conduz e facilita essa jornada de aprendizagem.

Segundo Ferreiro (2001, p.35) O processo de alfabetização é mais do que um simples aprendizado de códigos; é a construção de sentidos e significados, sendo fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia da criança.

A ideia era estimular a percepção de que os livros, as palavras e as letras estão presentes no cotidiano e são ferramentas poderosas para a comunicação, além de fomentar a imaginação, a criatividade e a capacidade de expressão das crianças.

Mas um dos pontos extremamente importantes para que as crianças tenham mais facilidade em desenvolver a leitura e escrita é a participação da família, pois sem ela tudo fica mais difícil.

O BRINCAR SOB A ÓTICA DE PIAGET

A atual Educação Infantil trilha a procura de estratégias capazes de garantir o cuidar e o educar da infância, tendo em vista atender as necessidades do corpo e mediar o desenvolvimento sociocultural das crianças desde o nascimento, assegurando-lhes o tripé de direitos que se esboça para esta etapa da educação, o direito a brincar, criar e aprender.

Neste tocante, faz-se necessário a intervenção da ação lúdica, ou seja, o brincar é uma forma de linguagem a partir da qual a criança atua, desenvolve-se e cria seu próprio conhecimento.

Em suas obras Piaget relata o protagonismo infantil e ressalta a brincadeira como um palco para o aprendizado significativo, pois as crianças vão adquirindo conhecimentos na medida que tem contatos com objetos e associa

com a sua realidade. O seu desenvolvimento cognitivo depende do contexto social do qual estar inserido.

Sobral e Ribeiro (2016, p. 2) relatam que o biólogo suíço Jean Piaget dedicou grande parte dos seus esforços para explicar a estrutura do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos. Em suas obras, Piaget levou em consideração o papel da brincadeira nesses processos. Segundo Giacometti et al. (2013 *apud* Sobral; Ribeiro, 2016, p.3),

“Um dos estudos mais importantes sobre o jogo infantil está na obra de Piaget em ‘Formação do símbolo na criança’”. Nesta obra, Piaget traça relações entre o jogo e o desenvolvimento intelectual infantil.

Giacometti et al. (2013) nos dizem que Piaget estabelece que:

[...] o jogo encontra sua finalidade em si mesmo. O jogador se preocupa mais com o resultado do que com o jogo em si mesmo. 2) é uma atividade espontânea, aqui o jogo não tem preocupação com nenhuma regra; 3) é uma atividade que dá prazer; 4) o jogo tem uma certa falta de organização; 5) aqui o comportamento da criança é livre de conflito, aqui o jogo ignora os conflitos; 6) o jogo tem uma motivação mais intensa. (Giacometti; Barcelos; Dias 2013, p.1102).

No jogo as crianças esquecem os conflitos e participam com entusiasmo, e seguem regras, pois logo percebem que são necessárias. Para compreender a visão Piagetiana do brincar, em especial o brincar na faixa etária de 0 a 5 anos, é necessário levar em consideração os estágios de desenvolvimento que foram estabelecidos por Piaget.

Na concepção Piagetiana, existem 4 estágios de formação cognitiva, sendo os dois primeiros estágios aqueles que interessam, de fato, à Educação Infantil. São eles: o sensório-motor (do nascimento aos 2 anos) e o pré-operacional (de 2 a 7 anos). No estágio sensório-motor, a criança não possui a capacidade simbólica, ou seja, “não apresenta pensamento nem afetividade ligados a representações, que permitam evocar pessoas ou objetos na ausência deles” (Piaget; Inbieder, 1986, p. 11 *apud* Palangana, 2015).

Em síntese, pode-se dizer que ao longo dos primeiros dois anos de vida a criança diferencia o que é dela do que é do mundo, adquire noção de causalidade, espaço e tempo, interage com o meio demonstrando uma inteligência fundamentalmente prática, caracterizada por uma intencionalidade e

uma certa plasticidade. Ainda que essa conduta inteligente seja essencialmente prática, é ela que organiza e constrói as grandes categorias de ação que vão servir de base para todas as futuras construções cognitivas que a criança empreenderá. (Palangana, 2015).

A criança no decorrer de seus dois anos de idade, já reconhece o meio em que vive e pratica a sua interação social demonstrando a sua inteligência adquirida. Piaget descreveu o desenvolvimento cognitivo das crianças através de quatro etapas principais:

Etapa sensório-motora (0 a 2 anos): As crianças experimentam o mundo principalmente através dos seus sentidos e ações físicas. Nesta fase, elas desenvolvem a "permanência do objeto", ou seja, a compreensão de que os objetos seguem existindo mesmo quando não estamos os vendo.

Etapa pré-operacional (2 a 7 anos): Durante essa etapa, as crianças começam a utilizar a linguagem e os símbolos, mas seu pensamento segue sendo egocêntrico. Um exemplo curioso que ilustra esse egocentrismo é a famosa anedota em que Piaget observou sua filha pequena falando no telefone e presumindo que seu interlocutor conseguia ver tudo que ela via — mostrando que as crianças não entendem exatamente como funciona a perspectiva dos outros.

Etapa das operações concretas (7 a 11 anos): As crianças começam a pensar de maneira lógica sobre situações concretas. Aqui, Piaget realizou um de seus experimentos mais conhecidos, onde crianças precisavam avaliar se a quantidade de líquido em recipientes com formatos diferentes era a mesma. Ele descobriu que nessa etapa as crianças conseguem entender que, mesmo que o formato do recipiente mude, a quantidade de líquido pode ser a mesma.

Etapa das operações formais (12 anos de idade em diante): Nesta última etapa, os adolescentes desenvolvem a capacidade de pensar de forma abstrata e lógica, um passo fundamental para o raciocínio científico e matemático.

PAPEL DO PROFESSOR NA UTILIZAÇÃO DE ATIVIDADES LÚDICAS

Ramos *et al.* (2005, p. 41), cita que “[...] o Professor que elabora suas práticas pedagógicas dentro do lúdico é mais bem capacitado para perceber as

dificuldades do aluno e ressignificar seu ensino-aprendizagem através da observação e da intervenção nas brincadeiras com o objetivo não de impor regras ou de separar brigas, mas de estimular a atividade mental, social e psicomotora das crianças.

Com seus questionamentos e sugestões de encaminhamento no brincar das crianças, o educador vai fazendo surgir uma nova proposta de trabalho voltada para as reais dificuldades do aluno que aparecem de forma muito mais clara e espontânea enquanto brincam. "(...) Desde que chega à escola, a criança traz consigo infinitos conhecimentos e experiências de leitura e de escrita. Compete à escola auxiliá-la no processo... Cabe ao mestre ajustá-lo e adequá-lo ao contexto de seus alunos". (Almeida, 1998, p.107 *apud* Ramos *et al.*, 2005, p. 41).

De acordo com as pesquisadoras, o Professor é peça fundamental no processo da educação, devendo estar preparado para atuar dentro das propostas, ser animado, guia, desafiador e estimulador. A criança deve gostar do professor não apenas porque mantém uma boa vivência com ele, mas porque descobre nele uma verdadeira fonte de informações.

E seguem pontuando, que quando o Professor utiliza atividades lúdicas como recurso didático, ele dá oportunidade para a criança compreender e tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade e não apenas limitando-se em repassar conhecimentos, mais sim em mostrar o caminho para o aluno se tornar preparado para a vida. Neste sentido, o lúdico deve ser visto como uma necessidade do ser humano e não apenas uma diversão.

Conforme pesquisa muito se fala por parte dos educadores a respeito da formação continuada como prioridade para se fazer uma educação de qualidade e essa necessidade; é fato. Vivemos a era da informação que circula em todos os espaços e se a mudança chega tão rápido pela informação, acredita-se haver também a necessidade de o educador acompanhar estas mudanças sofridas pelas transformações que atingem diretamente o contexto escolar, cita Duarte e Mota (2021).

De acordo com os autores, "mudança requer repensar procedimentos de ensino e rever metodologias e práticas, pois o sentido real, verdadeiro, funcional

da educação lúdica estará garantido se o educador estiver preparado para realizá-lo.”

Nada será feito se ele não tiver um profundo conhecimento sobre os fundamentos essenciais da educação lúdica, condições suficientes para socializar o conhecimento e predisposição para levar isso adiante (Almeida, 2000, p. 63 apud Duarte; Mota).

Os pesquisadores ressaltam que “trabalhar com o lúdico é uma tarefa difícil, pois o educador terá que ter fundamentação teórica estruturada e consciência de que está lidando com criança que nasceu na sociedade da informação; portanto, o seu repertório de atividades precisa ser atualizado constantemente. Isso significa que a formação continuada do professor é permanente. Destacamos aqui, que, na sociedade da informação um desafio posto diariamente para o Professor é o fazer. Fazer uma aprendizagem significativa pela qual a diversidade não seja silenciada e invisibilizada.”

De acordo com Silva (2019), citado por Freitas e Becker (2020, p.8), “o educador tem papel fundamental no desenvolvimento de atividades lúdicas na sala de aula. A autora acredita que para trabalhar com jogos de forma educativa no âmbito escolar é indispensável que o docente desenvolva estratégias que despertem o interesse das crianças. Essas atividades devam ser ministradas de uma maneira que as prepare para saber competir de maneira sadia e compreenda que perder ou ganhar são probabilidades de um jogo.”

Ao utilizar os jogos como uma estratégia didática e não como meramente uma distração o educador contribui para que o aluno tenha a oportunidade de ter uma aprendizagem significativa, contribuindo para a formação de atitudes sociais tais como o respeito, cooperação, obediência de regras que são essenciais para um bom convívio em sociedade (Silva, 2019 apud Freitas; Becker, 2020, p.8).

Nesse contexto, um bom educador busca estar próximo e atento aos seus alunos. Na Educação Infantil as crianças verbalizam muito o que estão sentindo, o que estão vivendo naquele momento dessa forma, cabe ao docente saber fazer uso destes momentos para promover a socialização e trabalhar de acordo com os conhecimentos que os alunos possuem partindo de suas vivências, relata Freitas e Becker (2020, p.9).

As graduandas em Pedagogia, pontua que “o Professor deve ter uma relação mediadora nesse processo de atividades lúdicas e a prática pedagógica, para que ocorra uma aprendizagem significativa e não seja somente uma forma de diversão da criança. Essa prática facilita o trabalho do Professor, e proporciona um melhor desenvolvimento da criança no processo de ensino e aprendizagem, sendo uma excelente forma de obter êxito na vida escolar e na vida em sociedade.

Para Rocha (2017) mencionado por Freitas e Becker (2020, p.9), o Professor é o mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e proporcionando espaços e situações de aprendizagens. De acordo com Rocha, educar é acima de tudo uma inter-relação entre os sentimentos, os afetos e a construção do conhecimento dos educandos e o professor tem papel fundamental na sua formação e, em especial, na Educação Infantil.

Consoante com Souza, Juvêncio e Cardoso (2019 apud Freitas; Becker (2020, p.9), o docente pode permitir que os alunos analisem os objetos e criem situações por meio das brincadeiras e dos jogos, como por exemplo, os jogos de encaixe, as fantasias, os fantoches, as caixas, entre outros jogos e brincadeiras que despertam a imaginação e a criatividade da criança.”

Esses jogos, de acordo com os pesquisadores acima mencionados, podem e devem ser utilizados pelo educador como um recurso didático-metodológico. Ao tracejar as atividades o professor deve ponderar os objetivos a serem obtidos, pois, sem objetivos pode proporcionar apenas brincadeiras sem sentido e que não contribuem na formação do conhecimento dos estudantes. (p. 9).

Diante da pesquisa, “o prazer ao brincar, ao realizar as atividades, estimula o desenvolvimento da criança. Sendo assim, Azevedo e Alves (2007) reforçam em sua pesquisa que o trabalho centrado no lúdico, pode se constituir como espaço de investigação científica, contribuindo para a formação de professores, que desejam aprofundar-se nessa metodologia de ensino. E estar apto a desenvolver com qualidade este aprendizado é um ganho para as crianças e adolescentes.

A infância é uma das fases na qual a criança está começando a desenvolver, portanto, torna-se importante proporcionar-lhes momentos prazerosos e educativos, envolvendo brincadeiras, jogos e brinquedos, fazendo com que ela se sinta livre para que possa usar a imaginação. Todavia, muitos educadores não estão preparados ou não dão a devida importância para o desenvolvimento das atividades lúdicas e o ambiente escolar, muitas vezes, não possibilita que a prática das atividades seja realizada.

Tomando estas assertivas como direção, nos propusemos a discutir a importância da brincadeira para o desenvolvimento das crianças. Com base nos autores pesquisados, vimos que as atividades lúdicas são de extrema importância para o desenvolvimento global das crianças. Porém, para que haja um bom desempenho das atividades lúdicas no âmbito educacional, o ambiente escolar, pais e professores devem agir em conjunto, ou seja, todos os adultos que participam de modo direto e indireto no processo de desenvolvimento das crianças, precisam entender que brincar é importante.

Segundo autora o professor é o mediador direto do processo do ensino aprendizagem. O lúdico leva o gosto das crianças pelas atividades oferecidas. Cabe ao professor em sua formação adquirir saberes necessários e conhecimentos, que posteriormente faça parte de sua prática. A reflexão no sentido de suas ações pedagógicas, quando mais se assume, mais capacidade de mudar é possível.

Portanto, não se pode pensar no educador como um ser que transmite o conhecimento, mas sim aquele que faz a mediação da aprendizagem, fazendo da escola um ambiente propício e agradável para que a relação entre alunos e professor ocorra de maneira mais produtiva possível.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO INCENTIVO À LEITURA

É preciso ressaltar que a família possui um importante papel no processo educacional da criança. É no contexto familiar que ocorrem as primeiras experiências, o primeiro contato social e a participação dos responsáveis pela criança rumo à sua trajetória escolar. Enfatizamos a tão necessária participação da família no processo educacional, bem como a interação da mesma e da

comunidade junto à equipe escolar. Essa parceria deveria se iniciar na Educação Infantil e terminar com o fechamento do ciclo da Educação Básica na trajetória da vida escolar da criança.

Em concordância com a Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), o conceito de educação deve ir além do sistema formal, pois acredita-se que é na base familiar que a criança constrói seus valores, valores estes que a acompanharão durante toda a sua vida, incluindo o seu processo de socialização (Brasil, 1998). Por essa razão, há a necessidade de aproximação das famílias junto à unidade de ensino, o que pode possibilitar um reconhecimento maior por parte da criança acerca do ambiente social no qual ela está inserida.

A leitura é essencial para o indivíduo uma vez que possibilita a obtenção de informações em relação a diversos contextos e áreas do conhecimento, o desenvolvimento do seu intelecto, a inserção na sociedade, bem como contribui para uma forma de lazer e entretenimento.

Faz-se necessário compreender que a leitura é um dos caminhos no processo de construção do conhecimento, além de ser fonte de informação e formação cultural, capaz de formar indivíduos críticos, reflexivos, competentes, tornando-se capazes de dar significados ao mundo, entendendo e interpretando melhor a realidade. Família é um conceito muito usado e sempre passa por algumas alterações, devido às mudanças que ocorrem na sociedade e em todos seus aspectos. Segundo Rodrigues (2016, p. 30):

Antigamente nos fins do século XIX a família era composta pelo modelo patriarcal em que o pai era o chefe da casa tendo como seus dependentes esposa, filhos e agregados. Com o tempo a mãe vem ocupando este lugar. Hoje tem um percentual significativo de mulheres que desempenham seu papel no mercado de trabalho e que ainda são mães e chefe de casa, algumas são mães solteiras o que não as impede de ser o chefe da casa.

A Família é o alicerce para todos, sua presença é indispensável na vida de uma criança para que tenha bons resultados na escola e tenha certeza da sua importância no convívio familiar e a partir daí adquiram confiança para desenvolver seu protagonismo mais cedo.

O momento da leitura deve ser estimulado desde o primeiro ano de vida da criança, pois de acordo com Raimundo (2007 apud Botini e Farago, 2014), a leitura quando é realizada em casa com a família, ela se torna mais prazerosa. Para Vieira (2004 apud Moraes, 2020, p.24).

Moraes (2020, p.25) relata que, “o ato de ler no ambiente familiar, constrói o letramento familiar, que pode ser compreendido como os signos dos pais, que são os momentos entre pais e filhos em relação a leitura que auxiliam no letramento, assim a responsabilidade não é somente da escola, e, sim uma parceria entre escola e família.”

A autora cita que quando o processo de leitura inicia no seio familiar, ao mesmo tempo a criança já começa a desenvolver os três níveis da leitura, que são: sensorial, emocional e racional.

O nível sensorial é muito rico para ser explorado no contexto familiar, desde a gestação do bebê, a mãe ao embalar a criança com canções de ninar já estimula o gosto pela leitura. Por que a leitura não é somente o impresso, mas a música, os desenhos todos são modos de leituras que podem ser trabalhadas em família no aconchego do lar. (Vieira, 2004, p. 03).

Os níveis de leituras são desenvolvidos gradualmente, com sequencias lógicas, pois é um momento de descoberta cada sílaba, cada palavra, cada frase e um encontro marcante no texto, ou seja, um ato de vitória alcançada.

Há diversas maneiras com que a família possa envolver os filhos com a prática da leitura, para Vieira (2004), a família pode inserir a contação de histórias em seu cotidiano, dar livros de presente, fazer com que as crianças criem suas próprias histórias usando a imaginação.

Dessa forma a autora enfatiza que, “além dos pais criarem um vínculo maior com o filho, ele também estimula para que de fato crie prazer pela leitura, pois não adianta a criança crescer rodeada de livros e não ter o prazer em ler.”

Segundo ela, “é muito importante que os pais respeitem a faixa etária de seus filhos na hora de ler um livro, pois cada livro é desenvolvido para uma determinada idade, e quando se faz a leitura para uma criança de um livro que não condiz com sua idade, a criança provavelmente não irá prestar atenção, porque não tem conhecimento do assunto.”

Segundo Vieira (2004 apud MORAES, 2020, p.26), quando a criança tem a ajuda dos pais para incentivar a leitura desde o início, ela futuramente será um leitor que prosseguirá com o prazer pela leitura. Diferente das crianças que os pais não têm o hábito da leitura e nem as incentivam.

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar a escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importa na sociedade (Veiga, 2004 p. 6).

Para Rodrigues (2016 apud Moraes, 2020, p.26), “se a família possui livros em casa, faz a leitura para seus filhos, possui o hábito de levar passear em livrarias e bibliotecas, são o tipo de estratégias que ajudam para que a leitura faça parte da vida de seus filhos.”

Quando o hábito pela leitura é construído aos poucos, provavelmente esse hábito é estimulado por algum ente familiar, reforça Moraes (2020, p. 26), pois os filhos de modo geral são motivados a fazer aquilo que os pais costumam a fazer ou praticar, seja o estilo musical, o esporte preferido, a profissão e até mesmo o gosto pela leitura. Pais leitores, filhos leitores. Pelo menos é o que se espera numa família leitora, é claro que não bastaria apenas pais serem leitores e não contribuírem para que seus filhos sejam também, pontua Moraes (2020, p. 26).

Segundo Moraes (2020), “é importante que os pais incentivem e não obriguem os filhos a ler um livro, pois assim aos poucos a criança irá em busca das suas curiosidades, descobrindo um mundo mágico e desenvolvendo o prazer pela leitura de um modo saudável e não obrigatório. ”

Para Sandrone e Machado (1998, p. 11 apud Rodrigues, 2016, p. 38) “Se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler. ”

O hábito da leitura auxilia a criança a desenvolver sentimentos, imaginação e emoções de maneira significativa. Proporciona melhora no

desenvolvimento emocional, social e cognitivo, sendo fundamental para a interação e a aquisição de conhecimentos, informação sobre o meio que vive.

Diante disto, destaco a família como instituição fundamental para que a história de leitura da criança seja escrita. Como já dito antes, todas as coisas que sabemos, aprendemos a partir da experiência do outro, das pessoas ao nosso redor que nos ensinaram a dar significado a tudo que conhecemos. Da mesma forma acontece com a leitura e escrita, e destaca-se o papel da família na constituição de um leitor.

Freire (1992) ressalta ainda que o início da vida leitora de um sujeito se dá por meio da leitura de mundo, feita através de objetos, expressões, figuras, etc. Assim, pode-se dizer que a leitura é construída no próprio meio em que vivemos, pois todas as expressões, símbolos e objetos são palavras lançadas como códigos de leitura, os quais o leitor terá que decifrar, ou seja, a leitura é a interação do indivíduo com o próprio mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O direito à alfabetização e ao letramento é parte do direito à educação. A Educação Infantil é a etapa inicial do processo de escolarização em que os primeiros contatos com a cultura escrita podem e devem se dar de modo específico a essa faixa etária, em consonância com os princípios e modos de aprender das crianças pequenas, mas sem descuido das diversas aprendizagens que precisam ser favorecidas e ampliadas, de forma contínua e integrada, e que incluem, a linguagem escrita, em suas várias dimensões.

A leitura e a escrita nas séries iniciais são pilares fundamentais, agindo como instrumentos de construção do conhecimento e inserção social. Elas funcionam de forma indissociável, onde o estímulo constante à alfabetização e ao letramento desenvolve a capacidade intelectual, a criatividade e a autonomia do aluno, formando leitores competentes.

A aquisição da leitura e escrita é o eixo norteador do desenvolvimento cognitivo e socioemocional, permitindo que a criança compreenda o mundo ao seu redor e construa o seu saber.

Alfabetização e Letramento não se trata apenas de decodificar letras, mas de letrar, ou seja, usar a escrita e leitura para resolver problemas do dia a dia e compreender diferentes gêneros textuais.

A ludicidade é fundamental na alfabetização, transformando a aquisição da leitura e escrita em um processo prazeroso, motivador e significativo, indo além da memorização mecânica. Jogos e atividades lúdicas estimulam habilidades cognitivas, afetivas e sociais, facilitando a apropriação do sistema de escrita e garantindo maior engajamento dos alunos

O docente é o mediador essencial, responsável por despertar o prazer na leitura e utilizar metodologias que superem as dificuldades individuais, tornando o processo prazeroso e significativo. A mediação familiar e o acesso a diferentes materiais de leitura (livros, jornais, gibis) na escola são cruciais para o sucesso do aluno. Portanto, investir na leitura e escrita de forma lúdica e funcional nas séries iniciais é garantir que a criança se torne um cidadão crítico, autônomo e capaz de compreender e interagir com o mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. BNCC Base Nacional Comum Curricular. – Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias 05/04/2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC.

<[Http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf)> Acesso em: 05/04/2026.

CUNHA et al. Leitura e escrita na educação infantil: estudos sobre aspectos constitutivos da prática pedagógica. 2025<https://www.even3.com.br/anais/vii-congresso-brasileiro-alfabetizacao/1135424-leitura-e-escrita-na-educacao-infantil--estudos-sobre-aspectos-constitutivos-da-pratica-pedagogica>.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

LIMA, Fernanda Silva. Leei – leitura e escrita na educação infantil – relato de experiência. International Integralize Scientific. v 5, n 45, Março/2025
ISSN/3085-654X

LUZ, et al. Relevância da leitura na educação infantil: uma abordagem sobre obstáculos e possibilidades. Linguística, Letras e Artes, Volume 29 – Edição 141/DEZ 2024. <https://revistaft.com.br/relevancia-da-leitura-na-educacao-infantil-uma-abordagem-sobre-obstaculos-e-possibilidades>.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. 26ª Reunião Anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita. Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003.

PIAGET, Jean. Epistemologia Genética. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.